

A VOZ DO DONO OU O DONO DA VOZ?

“A voz do dono”, uma das músicas de Chico Buarque do álbum Almanaque de 1981, foi um dos sucessos daquele disco. No livro “História de canções: Chico Buarque”, o crítico Wagner Homem escreveu que a canção foi uma resposta irada e irônica a uma discussão entre Chico e sua gravadora de então, que andavam às turras.

Na sociedade do espetáculo, não é um fenômeno local a ascensão política de gente ligada ao rádio, TV ou show business. O nordeste do Tucanistão é pródigo em alçar essas figuras menores ao poder, inclusive no Executivo, onde o poder de estrago é bem maior. Ribeirão Preto, desde os anos 60, elegeu prefeito o radialista Welson Gasparini (que ainda está por aí como deputado) e a novidade chegou a Franca no início dos anos 80, com o radialista Sidnei Rocha.

Se 2016 é um ano que deve ser lembrado pelo golpe contra 54 milhões de votos que elegeram Dilma Roussef, também pode ser lembrado como o ano em que os eleitores da região defenestraram, espero que definitivamente, o radialista Sidnei Rocha da política francana, tornando-o de fato um “defunto político”, como ele mesmo se apresentou quando foi “ressuscitado” pelo eleitorado conservador em 2005 como prefeito da cidade. Em Ribeirão Preto, o ano também termina com a radialista e prefeita da cidade Dárcy Vera no xadrez, o que talvez encerre sua carreira política, nunca se sabe.

Alguém poderia dizer que isso seria um sinal de mudança. Ledo (Ivo) engano. Aqui na Franca do Imperador, dois dos vereadores mais votados são radialistas. Um, o garoto propaganda da Ramenzoni, Tony Hill (ele nunca tocou em seu programa “The fool on the Hill”, de Lennon & McCartney, mas seria recomendável) tem como plataforma política a frase-slogan que o elegeu: “é eu, bem”. É funcionário assalariado na emissora de rádio de Sidnei Rocha que, imagino, deve usá-lo para atacar o prefeito eleito dia e noite, será a “voz do dono”, o que é normal num país onde as concessões públicas de radiodifusão são controladas em sua maioria por políticos, que as utilizam sem nenhum pudor contra adversários. Dizem que é “liberdade de expressão”. Do dono, é bem verdade.

O outro, o segundo vereador mais votado, é o próprio dono de uma emissora, que a utiliza para tornar-se mais “popular” e defender suas pautas conservadoras que pouco tem a ver com o futuro da cidade, é a própria “voz do dono”. Felizmente, o poder de estrago de figuras anedóticas ou atrasadas é bastante limitado pelo papel secundário que o legislativo tradicionalmente tem na vida local, dado seu vínculo exacerbado com o assistencialismo e o populismo tosco de direita, pois seu poder advém de apontar soluções simplórias para problemas complexos e criticar “tudo que está aí”, sem sequer roçar temas como má distribuição de renda, desigualdade social ou a captura dos recursos públicos por setores privilegiados. A conferir se conseguirá impor sua pauta reacionária ao Executivo.

Mauro Ferreira é arquiteto

